

## **TRAJETÓRIAS DE FORMAÇÃO E ATUAÇÃO PROFISSIONAL: LÓCUS DAS APRENDIZAGENS EXPERIENCIAIS SOBRE A ESCRITA**

Fabício Oliveira da Silva  
faolis@ig.com.br<sup>1</sup>  
Mônica Barros Silva  
monica.s16@hotmail.com<sup>2</sup>

41

### **RESUMO**

Esta pesquisa compreende as práticas de escrita vivenciadas na escolarização e na atuação profissional de professores de língua portuguesa que atuam em duas escolas públicas da rede estadual de um município do interior baiano. Para isso, o estudo visou entender as concepções de formação e de trabalho com a escrita que desenvolvem em sua docência e como esses aspectos estão relacionados com os percursos formativos e com as trajetórias de vida que cada docente logrou. Para tais reflexões, dialogamos com os núcleos de sentido: memória, narrativas e práticas de escrita. Trata-se de uma pesquisa qualitativa ancorada no uso da abordagem (auto)biográfica e utilizando como instrumento de pesquisa as narrativas de formação. No tocante a metodologia de pesquisa, nos debruçaremos acerca dos estudos da memória, das narrativas e das questões de formação utilizando como aporte teórico Souza (2008, 2012), Nóvoa (1999), Josso (2007), entre outros. Este trabalho revelou que as aprendizagens experienciais se constituem no cotidiano da profissão e reverberam os processos de formação inicial vivido por cada colaborador. As práticas de escrita são reconhecidas como difíceis, mas que permitem o desenvolvimento de estratégias outras para o desenvolvimento da aprendizagem dos estudantes.

**Palavras-chave:** Formação; Práticas docente; Produção textual; Pesquisa (auto)biográfica

### **1. Introdução**

Narrar uma história é muito mais que listar alguns acontecimentos em nossa vida. A história é feita de memórias, tempo, experiências, e ao mesmo tempo, permite reviver aquele passado e olhar para o presente pensando o futuro. Falar de si é uma tarefa muito difícil, pois implica a construção de toda uma trajetória, entre o que foi mais marcante, o que não será dito, o que foi esquecido ou tem que ser silenciado. Esses intervalos de ditos e não ditos constroem experiências pessoais, algumas coletivas, pois somos seres que precisamos de outras pessoas para nos constituirmos como sujeito.

Quando se trata de falar das suas experiências, o que potencializa é como o sujeito constitui saberes, conhecimentos adquiridos ao longo de sua jornada, como que foi possibilitado a construção de diversas vivências, dando a condição do sujeito refletir sobre o que se tornou, referindo-se a cada momento de sua formação. Entende-se experiência como tudo que acontece e passa pela vida do sujeito, como ele reflete sobre si próprio através de sentimentos como paixão, dedicação, profissionalismo e responsabilidade, nesse caso, com a aprendizagem de cada

<sup>1</sup> Doutor em Educação, professor e pesquisador da Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS

<sup>2</sup> Licenciada em Letras pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB. Professora da rede básica de ensino

estudante.

Os saberes experienciais no contexto de uma atuação profissional se revelam narrativamente quando professores explicitam modos de ser, viver e fazer acontecer as práticas educativas que desenvolvem no chão da escola (SILVA, 2017). É, portanto, desse contexto, que o presente trabalho visa compreender como docentes desenvolvem práticas educativas sobre o ensino de leitura e escrita na escola, sobretudo focando o olhar para as práticas com a produção textual. Nessa centralidade discursiva, emergem narrativas de duas professoras de língua portuguesa, que atuam em escolas públicas do interior da Bahia, possibilitando que haja uma compreensão sobre as trajetórias de vida, formação e atuação profissional, e como isso impacta nas formas de desenvolver as compreensões sobre o ensino de textos na escola.

Para este feito, recorreremos as narrativas das professoras, numa perspectiva fenomenológica, que se fundamenta na abordagem (auto)biográfica, pois esta possibilita inúmeros meios de entendermos as trajetórias de vida, formação e atuação profissional de professores, que se sentem com liberdade para selecionar e narrar, fatos e informações que são importantes para a compreensão dos modos de ser e de fazer a docência fluir a partir de modos particulares e peculiares dos percursos de formação e de produção de experiências que produzem ao longo do trabalho educativo que desenvolvem (NÓVOA, 2013).

Assim, as professoras colaboradoras são livres para falar e interpretar o que narram, pois temos um viés na construção de narrativas que nos permite, também, entender as concepções de formação e de trabalho com a escrita que desenvolvem na docência e como esses aspectos estão relacionados com os percursos formativos e com as trajetórias de vida que cada docente logrou. Dessa maneira, o presente estudo nos faculta o entendimento sobre como as professoras colaboradoras desenvolvem os conhecimentos sobre o ensino de linguagens\escrita, bem como as professoras compreendem suas práticas educativas do ensino de escrita a partir das vivências e experiências do cotidiano escolar.

De modo transversal, buscaremos, ainda neste artigo, analisar como as práticas educativas para o ensino de leitura estão fundamentadas em princípios que são discutidos nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), os quais propõem que, no trabalho de Língua Portuguesa, a escola desenvolva atividades que possibilitem ao aluno uma aprendizagem de domínio das expressões orais e escritas. Para isso, é necessário que o ensino esteja relacionado à realidade do aluno. Como uma proposta de parâmetro e não de lei, os PCNs buscaram demonstrar a necessidade de um ensino contextualizado aos estudantes. Isso se evidenciou ainda mais, no momento em que o próprio Ministério da Educação reformula o documento e o substitui pelas diretrizes curriculares nacionais para a Educação Básica.

professor como mediadores desse ensino, nos interessou perceber como isso se dá na prática docente e como as realidades da formação e das experiências das professoras constituem saberes que se singularizam nas histórias de cada um. Desta forma, três questões foram centrais para a discussão que aqui apresentamos: a) Como os professores desenvolvem, a partir do cotidiano escolar e da sua formação docente, as práticas do ensino de leitura? De que maneira a formação inicial impacta nos modos de ser e de fazer a docência no campo da leitura e escrita? Quais aprendizagens as professoras desenvolvem a partir do cotidiano do trabalho com a escrita na sala de aula?

Analisar através das histórias dessas professoras a forma como elas têm pensando e trabalhado a escrita na sua prática pedagógica, e a importância dos processos de formação nos traz algumas reflexões sobre o ensino que podem ser compartilhadas com as experiências de tantos outros professores, fazendo aflorar discussões sobre a importância da formação inicial para o trabalho com a escrita, bem como das aprendizagens experienciais logradas no cotidiano da profissão. De certo modo, questões e trabalhos como o que aqui apresentamos, valoriza para além da formação docente, ou seja, os saberes experienciais que são logrados nas vivências do trabalho educativo e dos estudos que o professor continua fazendo para buscar constante aperfeiçoamento para a produção do seu trabalho educativo. O presente trabalho se revela, portanto, com uma singularidade na medida em que gera uma possibilidade de entendermos como vem sendo feito, na realidade educacional em que as professoras atuam, o ensino da produção textual e seus consequentes impactos. Assim, estamos diante de pistas outras sobre as práticas educativas que docentes desenvolvem, que servem, dentre tantas coisas, como elemento de reflexões, problematização de geração de novas aprendizagens a estudantes em formação inicial na área, bem como a professores que estão iniciando sua carreira docente, e , desta forma, iniciando a produção de saberes experienciais sobre a prática de leitura e escrita na escola básica.

## **2. Percorso metodológico**

A metodologia escolhida aqui, a pesquisa com a abordagem (auto)biográfica, se revela pertinente, pois a investigação recupera e ultrapassa o que é apenas interpretado, mas alcança um “saber organizado, crítico, que é preciso aprender para se decifrar” (FERRAROTTI, 2010, p. 37), sendo que a abordagem (auto)biográfica vai além de questões quantitativas ou experimental.

O método biográfico pretende atribuir à subjetividade um valor de conhecimento. Uma biografia é subjetiva a vários níveis. Lê a realidade social do ponto de vista de um indivíduo historicamente determinado. Baseia-se em elemento e materiais na maioria dos casos autobiográfico em gráficos e, portanto, expostos às inúmeras deformações de um sujeito-objeto que se observa e reencontra. (FERRAROTTI, 2010, p. 36).

A abordagem da entrevista (auto)biográfica como pesquisa revisita essas memórias dos professores e promove uma ação de reflexão interessante por conta de trabalhar não apenas com as experiências de cada um, em cada modalidade de aprendizagem, mas observando outras questões de tempo, espaço, local, etc., em que cada aprendizagem foi abordada, refletindo como vão subjetivamente se construindo e se formando as aprendizagens experienciais, a fim de construir um arcabouço formativo para desenvolvimento de suas práticas.

Aqui, a abordagem (auto)biográfica introduz-se com uma abordagem investigativa da formação das professoras, ao focalizar as narrativas de escolarização, formação e docência, nesse processo de saberes e experiências, que estão vinculadas a busca pelas aprendizagens que se revelam pela memória. Esta pesquisa se desenvolve a partir de questões educativas, possibilitando um enfoque que vem pelo olhar e narrativas das professoras quando contam sobre suas histórias de trajetórias de vida, formação e de atuação profissional. A abordagem (auto)biográfica instaura-se para fazer fluir movimentos entre histórias individuais e coletivas.

A pesquisa com narrativas (auto)biográfica ou de formação inscreve-se neste espaço onde o ator parte da experiência de si, questiona os sentidos de suas vivências e aprendizagem, suas trajetórias pessoais e suas incursões pelas instituições, no caso, especificando a escola, pois as nossas histórias pessoais são produzidas e intermediadas no interior e no cotidiano das práticas sociais instituídas e institucionalizadas. (...) através da narrativa (auto)biográfica torna-se possível desvendar modelos e princípios que estruturam discursos pedagógicos que compõem o agir e o pensar da professora em formação. Isto porque o ato de lembrar e narra possibilita ao ator reconstruir experiências, refletindo sobre dispositivos formativos e criar espaços para uma compreensão da sua própria prática. (SOUZA, 2008, p. 94)

Nessa busca, as narrativas foram pensadas a partir do resgate das memórias, e através delas os professores falam de suas experiências a partir do que vivenciaram na sua escolarização, de como era o ensino da escrita, como eram feitas as atividades. Ou seja, refletiram sobre suas experiências de aprendizagem e os significados/sentidos que tiveram com suas práticas de escrita, além disso, conhecer, também, a formação acadêmica e como esses aspectos interpelam ou não suas práticas pedagógicas no ensino da escrita.

Ainda no tocante a metodologia de pesquisa, a pesquisa (auto)biográfica possibilita que o sujeito seja protagonista do processo analítico que se faz no movimento de existência do ser, no contexto da sua história de vida, formação e de profissão. Assim, a metodologia permite ancorar as discussões a partir das questões de formação utilizando como aporte teórico Souza (2008, 2012), Nóvoa (1999), Josso (2007), entre outros. Este trabalho enfoca as narrativas de professoras que atuam em duas diferentes escolas estaduais de um município do interior baiano. Esse trabalho é potente pois traz a possibilidade de o professor refletir sobre a sua formação em todo o momento

da narrativa, ressignificando seus sentidos e práticas.

A narrativa se constitui por meio da lembrança de muitas questões interligada a cada um de nós; de preocupações, alegrias, aflições, paixões, medos, inquietações, etc., que estão implícitas tanto com os momentos individuais como os coletivos, pois as narrativas sempre terão compostos não apenas de momentos significativos ou não, mas de pessoas que também marcaram esses momentos, pela cultura, pela sociedade, que assim, com cada lembrança de sua formação, estará refletindo, compreendendo e reorganizando sobre novas perspectivas, novos métodos, estratégia, etc., que farão sua práxis mais criativa e inovadora, tendo cada vez mais significado.

Josso (2007, p. 415), defende que:

O trabalho de pesquisa a partir da narração das histórias de vida ou, melhor dizendo, de histórias centradas na formação, efetuada na perspectiva de evidências e questionamentos, heranças, a continuidade ou ruptura, os projetos de vida, os múltiplos recursos ligados às aquisições de experiência, etc., esse trabalho de reflexão a partir da narrativa da formação de si (pensando, sensibilizando-se, imaginando, emocionando-se, apreciando, amando) permite estabelecer a medida das mutações sociais e culturais nas vidas singulares e relacioná-las com a evolução dos contextos de vida profissional e social.

Deste modo, a travessia desses momentos de si é uma reflexão de sua existencialidade, podendo ser referido de acontecimentos e uma valorização de tudo que já aconteceu, a partir de cada história, tendo cada momento um significado, uma importância diferente. Defendemos que não existe uma sequência cronológica para cada lembrança, e sim, são escolhidas a partir do sentido que cada momento tem em suas vidas. A abordagem narrativa, tem como objetivo a construção entre a prática dos professores e a sua necessidade de reflexão e teorização sobre todas os seus desempenhos na sua prática, a partir de suas lembranças, como afirma em seu texto Nogueira e Bostolin (2012, p. 152) “(...) são os professores que podem constituir revelando o que sabem, o que desejam, o que querem, o que não querem, o que necessitam, contribuindo com o que tem a dizer, com o que fazem e como pensam e representam o que fazem.” A partir daí, salienta questões que estimulem a sua forma de se organizar no seu processo de formação continuada.

As narrativas (auto)biográficas revelam um significado importante, pois, mostra não apenas o estudo com os professores sobre o ensino da escrita em toda a sua trajetória, mas valoriza a memória, sendo que a partir daí ele irá construir essa história, dando-lhe lugar, contextualizando, como se deu cada momento da memória contada, colocando seus sentimentos, valores, conquistas, etc. sendo “(...) a narrativa não é apenas uma listagem de acontecimentos, mas uma tentativas de ligá-los, tanto no tempo como no sentido” (BAUER E GASKEEL, 2015, p. 92), momentos esses que a narrativa vai proporcionar uma reflexão, sobre como está sendo essa nova realidade.

A narrativa dá espaço ao sujeito pensar todas as suas vivências, e com novas referências, com os colegas de trabalhos, experiências novas, ideias novas, pensar esse ensino na prática, tudo isso contribui para a sua formação e para a construção desse sujeito social, que a cada dia vão se construindo, recriando-se, atribuindo sentidos as relações que vivenciam na sociedade e na escola. Portanto, o professor irá refletir sobre como foi e é a sua aprendizagem, sua prática, o espaço que está inserido, suas convivências, desenvolvendo seu senso de criatividade, relacionando sobre teoria e prática, produzindo conhecimentos a partir de tudo que viveu/vive. Sendo as narrativas, o processo que busca nos sujeitos envolvidos, principalmente no seu ensino de escrita, tudo que está por trás do que ele representa, que vai está tudo ligado a crença, valores, vontades, contexto social, teorias, no qual essas histórias contadas de formas minuciosas vão formando o ser professor.

Esse momento da busca pelas suas memórias da trajetória escolar é o momento que os sujeitos estão ligados entre si, pois é daí são conduzidos nesse momento a ir no lugar do outro, dos professores que tinham, de como esses momentos marcaram ou não esse professor que são hoje, pois, essa travessia vem mostrar todos os saberes que foram produzidos ao longo do tempo. Portanto, cada lembrança vem a ser sua história de formação, constituída por sua escolarização, formação profissional e a sua trajetória enquanto professor, pois são nessas lembranças de sua vida, que ele narra todo um contraste, sobre as semelhanças, sobre tudo que foi modificado nesse processo de aprendizagem, no qual a reflexão de tudo isso, vai mostrar o professor que se tornou hoje.

Enfatizamos que as entrevistas se caracterizaram como entrevistas narrativas, por meio das quais os professores foram abordando livremente o que queriam relatar a respeito das práticas educativas para o ensino de produção textual. No entanto, focamos aqui em alguns aspectos que tratam diretamente dos modos experienciais e das aprendizagens que as docentes lograram no cotidiano da sua profissão, bem como nos percursos formativos iniciais. As entrevistas foram gravadas, transcritas, e lidas pelas professoras. A análise se seguiu conforme modelo interpretativo-compreensivo de Ricouer (1996), em que se destaca os núcleos centrais que emergem do narrado, vivido e sobre os quais se realiza uma análise a partir das compreensões que o próprio sujeito que narra produz.

### **3. As práticas de escrita e a atuação profissional: desafios do ser docente**

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar,

demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2002, p. 24).

Pensar formação a partir das experiências de cada uma das colaboradoras é repensar nossas trajetórias, pensar sobre o que nos acontece para nos tornarmos as profissionais que somos. Essas experiências foram bem definidas por Larrosa (2002), pois, segundo ela, precisamos entender o significado de cada profissão, precisamos parar e ouvir, entender, aprender, sentir, tudo devagar para que esse processo seja refletido de verdade, para que a cada passo possamos ser capacitados para tudo que nos é determinado.

A formação docente aqui terá como base a reflexão sobre as práticas e vivências de escolarização, formação e prática pedagógica das colaboradoras enquanto escritoras. De maneira que, pensar formação, nesse sentido de práticas de escrita, teve um lugar singular no processo identitário de cada uma, sendo compreendido prática de escrita aqui, como o modo como elas eram submetidas a prática escritora na sua formação e na sua prática pedagógica. Ou seja, como eram planejadas suas aulas de escritas por seus professores, e como isso a fez a professora que é hoje.

No que tange à importância dos processos de aquisição e aprendizagem da escrita, os professores evidenciam um reconhecimento de que a formação inicial possibilita apreensões de um outro olhar sobre a escrita. Em sua narrativa *Alamanda Azul*<sup>3</sup> nos diz que:

Com a minha entrada na faculdade e através das metodologias usadas pelos professores, pude ver a relevância da escrita, como igualmente a do letramento na nossa escolarização, pois por meios de métodos compreendidos durante o curso de Pedagogia, deixou claro que o professor pode diminuir essa dificuldade de aprendizagem da escrita, por meio de técnicas inovadoras que consiste em aumentar o nível de letramento dos educandos, para que eles possam usar estas habilidades escritoras e leitoras de modo crítico em seu contexto social. (...) mas pelo fato em que eu já escrevia muito e gostar de redação, não tive tanta dificuldade na faculdade em relação a escrita, sempre gostei muito de escrever, de escolher temas, ler bastante sobre o tema, estudar ele (o tema) para depois começa a ... Fazer um artigo científico, por exemplo, logo um texto dissertativo. Sempre gostei muito de escrever, não tive muitas dificuldades em relação a faculdade quando era para fazer algum trabalho. (Alamanda Azul, extratos de narrativas, 2017).

A narrativa da professora evidencia alguns elementos sobre a escrita que têm relações fundamentais com o processo de formação inicial. A entrada no Ensino Superior oportuniza um

<sup>3</sup> Apesar do trabalho inscrever-se metodologicamente na abordagem (auto)biográfica, em que o sujeito é constituído pela sua identidade narrativa, optamos por nomes fictícios a fim de preservar as colaboradoras, como determina o Comité de Ética em Pesquisa que aprovou o projeto de pesquisa que deu origem a este manuscrito.

conhecimento sobre novas maneiras de se trabalhar a escrita, uma vez que as metodologias, caracterizadas pela professora enquanto inovadoras se insurgem como possibilidade de o professor em formação inicial desenvolver habilidades com a escrita. Isso significa reconhecer que a formação universitária tem um papel relevante no processo de aprendizagens da escrita, o que impacta diretamente nos modos de ser professor.

Há um reconhecimento da importância da escrita, tanto do ponto de vista do processo aquisicional de aprendizagens sobre os modos de escrever, como a relevância dessa aprendizagem para promoção de um ensino que também se fundamente na valorização e na condição do professor poder ensinar a escrita na escola básica. A formação, portanto, se constitui como um espaço de produção de conhecimentos sobre a escrita, que, segundo Nogueira e Bostolin (2012), tem uma relação com o desejo, com o querer e com o reconhecimento de que a formação possibilita apreensão de novos saberes e concepções.

É dessa condição que *Alamanda Azul* entende o papel da escrita no contexto do desenvolvimento do sujeito, permitindo-lhe compreender o papel da escrita para a elevação dos níveis de letramento do sujeito. Se o letramento, como nos diz Soares (2000), é uma prática social de uso da linguagem, a escrita garante e possibilita ao estudante apropriações e condições de desenvolver-se na prática social. Aí está o lugar da escola, da formação e do papel dos professores, que leva também em consideração o gosto pela leitura e, conseqüentemente, pelo ensino que desenvolve.

Já *Amarílis Rosa* nos mostra outra realidade enquanto acadêmica:

Devido a defasagem do ensino, no meu período de ensino básico, encontrei bastante dificuldade quando ingressei na faculdade, lembro que a primeira atividade escrita foi uma interpretação, em seguida uma produção dissertativa, a partir de um texto do escritor Pedro Demo, foi um tormento para todos os meus colegas, a gente não conseguia fazer como o professor queria, sendo que boa parte desses meus colegas vinha de um contexto parecido com o meu, depois desse primeiro trabalho, fui tentando aprimorar minha escrita, pois queria ser uma profissional que pudesse fazer a diferença em relação a essas dificuldades aos meus alunos, né. (Amarílis Rosa, extratos de narrativas, 2017).

Percebe-se aqui como o atraso nas metodologias de ensino e a aprendizagem em seu ensino básico fizeram com que a colaboradora chegasse com certa sensação de defasagem no ensino superior. No entanto, ela fez de suas dificuldades força para cada dia tornar-se mais qualificada, apropriando-se cada vez mais da prática de escrita, sendo diferente, não desistindo da luta dificultosa, e, por isso, desempenhou-se para se tornar uma profissional mais qualificada. E, ao mesmo tempo, buscando meio de cada dia tentar se tornar qualificada, reconhecendo suas dificuldades, tornou isso um ponto de partida para encontrar formas de potencializar a qualificação profissional.



Em sua narrativa Alameda azul ressalta a importância da leitura, ou seja, precisamos nos atentar que para que haja uma boa escrita é preciso que exista essa parceria com a leitura, pois, assim, conseguimos ter melhor aptidão com algumas palavras, com algumas formas de escrita, de argumentar, de perceber os diferentes tipos e gêneros textuais. Em sua narrativa, ela também expõe a importância de se trabalhar em sala de aula com vários tipos e gêneros textuais, pois, assim, os alunos conseguem se expressar melhor tendo conhecimento por tantos tipos.

Trabalhei com a disciplina de Redação e eu via dificuldades que eu encontrava nos meus alunos. A falta de matérias disponíveis para trabalhar com redação com os alunos na escola e as experiências do alunos mesmo que a gente percebe que são poucas e que tem alguns alunos que escreve muito errado, falava também muito errado e por falar errado acaba escrevendo muito errado, eles não têm o hábito de leitura e isso acaba influenciando na hora de escrever, eles não tinham aquela vontade de aprender a escrever, conhecer o tema, acabando dificultando também porque eles não sabiam, não conseguiam falar sobre o tema, não conseguiam relacionar a coesão e a coerência do texto, então e relação de ensinar redação, a ensinar escrever, os alunos, as maiores dificuldade que encontrei foram essas. (...), contudo, tudo que relatei até aqui, são essenciais para auxiliar meus alunos com as dificuldades de escrita, onde procura sempre novas metodologias de ensino, para que os educandos possam aprimorar suas habilidades escritoras, visando uma melhor educação para todos. Sendo que em minhas aulas, busco sempre está pesquisando novas metodologias que visam melhorar a escrita dos meus alunos, no qual leciono as disciplinas de Língua portuguesa e Redação. Sendo assim, trabalho bastante com interpretação textual, produção de texto, a argumentação em aulas de debates, em que eles podem dá seu ponto de vista sobre determinado assunto, como também incentivo o hábito de ler, passando aos mesmos livros literários. Por fim, todos esses pontos abordados contribuem para o desenvolvimento das habilidades escritoras e leitoras dos educandos. (Alamanda Azul, extratos de narrativas, 2017).

Neste excerto de sua narrativa de *Alamanda Azul* nos expõe sobre as dificuldades que ainda persistem até hoje em nossos alunos. A escrita é muito temida, pois exige um domínio de regras gramaticais, articuladores, coesão e coerência, contextualização, sentido, começo, meio e fim, etc., e isso acaba amedrontando o nosso aluno, deixando-o inseguro para qualquer tipo de escrita. Mas o que a colaboradora também demarca, além da dificuldade com a escrita, é que até na oralidade os estudantes têm dificuldade e acabam cometendo erros de inadequações de formas linguísticas e gramaticais, favorecendo, inclusive, alguns erros em pronúncias, fato que tem direta relação com as dificuldades evidenciadas nas produções escritas.

*Alamanda Azul* no final de sua narrativa mostra uma determinação e compromisso com o ser professor, buscando novas metodologias para um melhor ensino\aprendizagem para facilitar nas escritas de seus alunos, buscando técnicas inovadoras. Técnicas essas que estão inseridas ao contexto do aluno, e que o aluno consiga saber a finalidade que venha a ter essa escrita. A escrita sendo compreendida não apenas como o simples ato de escrever, mas de uma

contextualização, um ato social, o qual implica noções de quem escreve, de como escreve, onde escreve, tornando um momento de decisões. Essa perspectiva tem a ver com as aprendizagens experienciais que se logram no cotidiano escolar (SILVA, 2017). Não sendo uma tarefa que seja fácil, mas que é preciso ser bem elaborada, planejada, revisada. Uma tarefa que precisa ser treinada.

Desse modo, o professor é aquele que é responsável por estimular a construção de uma prática de escrita do estudante. A formação do professor não vem apenas da aprendizagem na universidade, que profissionaliza um sujeito à prática docente, mas uma formação de pessoa autônoma, reflexiva, crítica, que desenvolve experiências que lhe tocam, lhe movem a constituir-se o sujeito da própria experiência (LARROSA, 2002). Isso gera uma formação que se parametriza na busca construtiva de saberes e nas trocas de experiências, gerando um melhor desenvolvimento da prática docente para a potencialização de uma aprendizagem dos alunos, sobretudo no campo da escrita escolar.

E essa formação deve continuar em sua prática escolar, afinal, a formação é contínua e tem como desafio pensar a escola em todas as suas potências e fragilidades, uma vez que precisamos pensar a prática docente olhando a formação desse professor. Assim, a pesquisa visa olhar essa formação a partir do uso de suas memórias, sendo narradas ou com exercício da própria escrita através de suas trajetórias e experiências com a escrita, na qual é reativada nas professoras as lembranças desses momentos.

Cada narrativa é capaz de evidenciar as tessituras das experiências e vivências logradas por cada professora no que tange aos aspectos formativos e como lidam, veem a prática de escrita, tanto na sua própria formação, como pelo trabalho educativo que desenvolvem na escola. Cada passo que fez com que cada professora dessas fosse conhecendo sua história e outras histórias, sendo que, cada narrativa não conta apenas suas histórias individuais, mas narra a existência também de outros que fizeram parte desse percurso, no qual, as professoras tentam, a priori, dar conta de cada lembrança que interessam à nossa pesquisa.

Cada momento lembrado aqui está pautado em memórias que estão interligadas às experiências que o sujeito já viveu, demarcadas por uma carga ideológica de concepções e práticas, que se visibilizam por testemunhos das vivências enquanto escritora na escolarização. As narrativas contam sobre sua escolarização\formação, logo, abordam sua entrada na profissão e suas práticas educativas. Cada momento tem um significado diferenciado, pois cada narrativa faz emergir as experiências das ações pedagógicas de cada docente, em um outro tempo, num tempo que se presentifica na contemporaneidade.

Minha vida acadêmica começou, claro, a muito tempo, no ensino fundamental,

que é a base para a educação de qualquer pessoa. Eu fiz o ensino fundamental em Lagoa Funda, que é o povoado do Município de Barro Alto. Terminei o ensino médio, que eu fiz formação geral. Terminei em 2002, e entre esses dois períodos, o fundamental e o médio, não me lembro de muita coisa sobre como era o ensino de escrita. (Amarilis Rosa, extratos de narrativas, 2017).

Dessa maneira, iniciamos a reflexão sobre o ensino de escrita a partir da fala dessa professora. Como ela cita, sua formação se deu no povoado de Lagoa Funda, que fica a nove quilômetros da cidade de Barro Alto, e, no período de formação no referido distrito, ela não se lembra de situações que envolvesse diretamente como foi o ensino de escrita. Essa situação demarca a ausência de um trabalho de ensino de língua voltado para a produção textual, considerando a natureza tipológica e de gêneros da atividade escrita. Escrever e ter conhecimento de técnicas, formas e modos de desenvolver um texto não figurou como práticas educativas reais na trajetória da docente.

É notório que há essa falta de lembrança em torno do período de escolarização, do ensino fundamental e médio, e esse “esquecimento” que muitas vezes pode não se configurar como tal, pois não se pode lembrar do que não existiu. Assim, parece haver na narrativa um reconhecimento da ausência de uma prática estruturada sobre a produção textual no percurso formativo que trilhou a docente na Educação Básica. Sobre o suposto vivido, percebe-se o quanto cada lembrança é frágil, que com o passar do tempo pode desaparecer, se caso existiu, não trazendo tudo aquilo que faz parte de sua história, seus vestígios, pistas sobre esses fatos, desaparecendo com um pouco daquilo que já foi, e a pesquisa (auto)biográfica é isso, esse amontoado lembranças mas também de esquecimentos.

Outro fato muito importante sobre a narrativa da *Amarilis Rosa* é a questão do impacto com a escrita, tanto naquele tempo e prevalecendo ainda hoje. Como a escrita foi e é temida pela maioria dos alunos, como a dificuldade em escrever é globalizada, pois sabemos que a escrita não é apenas um amontoado de palavras, mas se efetiva por meio de padrão linguístico com regras e estruturas próprias, demarcadas pela condição de interlocução e produção de sentidos que se produzem a partir dos diferentes gêneros textuais. E justamente isso que, muitas vezes, deixa os estudantes amedrontados, e isso demonstra dificuldade de escolarização dessa colaboradora e de tantos alunos. E por conta disso a professora vai tecendo seus modos de compreensão do seu processo formativo pela relação com a escrita e dificuldades pela inexistência de aulas de redação.

O ensino de escrita, se caso tinha esse ensino, que não lembro, e por conta dessa falta de lembrança, tem também a falta de conhecimento em torno da escrita. Em 2003, eu fui fazer cursinho pré-vestibular em Canarana, que durou pouco tempo na cidade, aí tive que ir para Irecê e fiz o pré-vestibular no curso Visão, que foi onde eu tive base para a escrita. Na verdade, quando eu levava

uma redação para o professor corrigir, tinha mais anotações deles do que propriamente o que eu escrevia, então, a gente não teve base, né, até porque, na grade curricular do ensino médio e ensino fundamental não tinha a disciplina de redação naquele tempo, então era muito difícil. A gente tinha que aprender a escrever por esforço próprio, com exceção do professor de português que nos ajudavam, e não tinha mais ninguém que nos estimulasse, então era muito difícil. Quando cheguei no cursinho tive esse primeiro impacto, na verdade, é um impacto que todos jovens de hoje em dia têm, né, que é com a escrita, como começar uma redação, como começar um texto dissertativo argumentativo e produzir um texto qualificado. (Amarilis Rosa, extrato de narrativa, 2017).

Vemos aqui, na fala da professora, como ela aponta a preocupação, não apenas hoje como professora, mas no período de escolarização, que para a busca de um conhecimento em torno daquilo que ela não tinha, da escrita, foi preciso buscar o cursinho pré-vestibular em outra cidade. Isso acontece muito frequentemente com pessoas que moram em povoados pequenos, pouco desenvolvidos, e assim ser preciso o deslocamento para outra cidade para conseguir uma aprendizagem nova ou um curso superior, técnico, etc. Um esforço preciso para alcançar o conhecimento almejado.

Foi na disciplina de Redação que encontrou grandes lacunas sobre a falta de conhecimento no ensino fundamental e médio sobre a escrita, quando relata que em suas escritas vinham muitas correções, ou seja, deixando bem claro suas dificuldades no texto incidiam em regras, estrutura. Isso a incentivou a buscar uma melhoria, vendo e percebendo nas próprias dificuldades, motivação para tornar-se mais capacitada, com condições de lograr competências que lhe auxiliariam na tarefa se constituir-se uma professora com habilidades para escrita.

Tal fato tem a ver com a formação da professora e com a apropriação da escrita para poder hoje desenvolver o ensino que faz na escola. Veja-se que *Amarilis Rosa* aborda o fato de os professores escreverem mais do que ela. Isso significa que a escrita era inibida pela excessiva exposição dos erros. Nessa parte da narrativa, percebemos semelhanças com os problemas enfrentados por muitos estudantes no que tange a escrita. Dessa reflexão a professora busca não desenvolver prática semelhante, ancorando-se nas aprendizagens experienciais que teve para reconstruir suas práticas educativas em torno do tema da escrita na escola.

É notório o modo como *Amarilis Rosa* vai enfrentando suas dificuldades e revelando que conseguiu se apropriar de modos de lidar com a escrita e entendê-la como sua prática educativa. A professora ainda nos relata algo muito importante, primeiro, sua falta de informação, afirmando que não havia na grade curricular da escola o ensino de escrita. Assim, ela mesma desconhecia que a matéria de língua portuguesa tinha como principal objetivo promover a

aprendizagem da língua enfocando a capacidade de comunicação sobretudo pela escrita e oralidade, como nos mostra os PCNs. Mesmo não tendo naquele tempo para ela o ensino de redação no ensino médio, como temos hoje, ela buscou uma aprendizagem autônoma, tentando aprender sozinha a escrever, a se aprimorar enquanto escritora.

Evidencia-se, ainda, no final de sua fala, a preocupação dela desenvolve em torno, não apenas da dificuldade que ela teve no passado com a escrita, mas desse medo de escrita permanecer até hoje. Como os alunos revelam receio de produzir escritas, temem iniciar um texto dissertativo, temem contar uma história narrativa, desenvolver argumentos, expor sobre determinado assunto, sendo isso um fato muito importante a ser pensado por nós educadores. Essa dificuldade precisa ser pensada pelos professores, repensando uma metodologia para melhoria do ensino de escrita, para que, assim, os alunos consigam ter mais confiança e segurança quando forem escrever.

#### **4. Considerações finais**

O trabalho com as narrativas (auto)biográfica revelou aspectos importantes para pesquisa, pois expõe como as professoras tinham seu ensino e prática na escrita, e também, reconheceu a importância da memória na construção da formação, da história de vida das professoras, vendo que cada história é constituída do seu tempo, espaço, valor e de aprendizagens experienciais. Foi possível entender como as narrativas fizeram emergir das professoras colaboras seus conhecimentos empíricos, estruturados por seus saberes teóricos e práticos, sendo esses saberes o significado da aprendizagem experiencial de cada uma. Cada lembrança aqui narrada, possibilitou o conhecimento de suas histórias de vida e formação, constituída por suas escolarização, formação e atuação profissional revelada nas práticas educativas com ensino de escrita.

Cada narrativa tem um significado diferente, pois quando se narra, se faz compor as experiências de cada ação pedagógica que é singular e única para cada docente. Ações pedagógicas essas que foram refletidas a partir de tudo que viveu, levando-se em consideração as aprendizagens que as professoras lograram na formação e revelaram nas suas práticas educativas. Como foi visto em suas narrativas, as professoras tornaram-se as profissionais que são hoje a partir daquilo que viveram, somando aquilo que queriam refletir e aquilo que queriam fazer diferente.

O trabalho permitiu, ainda, visibilizar nas narrativas, os modos como cada uma enfrentou as dificuldades com a aprendizagem da escrita em seus percursos formativos e como cada uma foi nos dando pistas de superação e construção de aprendizagens experienciais que se produziram a partir das vivências com o cotidiano do ensino de língua materna na escola. Foram novas visões

e percepções que se materializaram, em modos de ser e de fazer diferente.

À medida que as análises das narrativas foram se desencadeando e construindo diálogos com as teorias, percebemos como essa pesquisa foi relevante para gerar conhecimentos sobre os sentidos das aprendizagens e da formação que cada uma viveu ao longo de sua atuação profissional. Em cada narrativa vimos traços com os quais outros tantos professores em formação certamente também se identificam, traços esses da fragilidade, de cada dificuldade em torno da escrita, que as colaboradoras enfatizavam o lugar disso nas experiências com a aprendizagem nesse campo, mas também, mostrando como isso se tornou elemento para superação e produção de outras maneiras de ensinar escrita na escola.

A formação é constituída de singularidade e de compartilhamentos de conhecimentos. Esse compartilhamento ocorre a partir da vontade de espelhar ou tentar inovar nas metodologias que foram perpassando em seus trajetos, mostrando o logo caminho que ainda seria traçado. A partir do momento em que elas entraram na profissão professor, que vieram a lecionar, começaram a refletir a imensa importância do trabalho com a escrita. A escrita é uma área que tem vários modos de ser trabalhada, vários tipos de escrita, de gêneros, regras, destinatários, entre tantos outros fatores que precisam ser passados pelos professores. E foi a partir de cada reflexão do que foi vivido que as professoras pensaram e repensaram seus métodos de ensino, com condições de problematizar seus percursos formativos e desenvolver percepções e compreensões de percursos que precisavam trilhar para constituírem-se enquanto professoras com competência e comprometimento para o ensino de escrita.

## **TRAJECTORIES OF FORMATION AND PROFESSIONAL ACTIVITIES: LÓCUS OF EXPERIENCING LEARNING ABOUT WRITING**

### **ABSTRACT**

This research comprehends the written practices experienced in the schooling and professional performance of Portuguese - speaking teachers who work in two public schools of the state network of a municipality in the interior of Bahia. For this, the study aimed to understand the conceptions of training and work with the writing that they develop in their teaching and how these aspects are related to the formative paths and with the life trajectories that each teacher has achieved. For such reflections, we dialogue with the nuclei of meaning: memory, narratives and writing practices. It is a qualitative research anchored in the use of the (auto) biographical approach and using as training instrument the narratives of formation. Souza (2008, 2012), Nóvoa (1999), Josso (2007), and the author of this paper will discuss the study of memory, narratives and training issues, among others. This work revealed that the experiential learning is constituted in the quotidian of the profession and reverberates the processes of initial formation lived by each collaborator. Writing practices are recognized as difficult, but they allow the development of other strategies for the development of student learning.

**Keywords:** Formation; Teaching practices; Text production; Autobiographical research

### **REFERÊNCIAS**

BAUER, Martin W., JOVCHELOVITCH, Sanda. **Entrevista Narrativa**. IN: BAUER, Martin W, GASKELL, George. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. 13.

Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. P. 90 a 113.

BROSTOLIN, Marta Regina. NOGUEIRA, Eliane Greice. Dos percursos de formação aos processos de formação: memórias de inserção na cultura escolar evidenciada pelas narrativas autobiográficas. In: SOUZA, Elizeu Clementino, BRAGUNÇA, Inês Ferreira de Souza (Org.) **Memórias, dimensões sócio-históricas e trajetórias de vida**. Porto alegre: EDIPUCRS; Natal: EDUFRN; Salvador: EDUNEB, 2012. (Coleção pesquisa (auto)biográfica: temas transversais). p. 151-170.

FERARROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. IN: NOVÓIA, António; FINGER, Mathias(org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010. p. 31-57.

LARROSA, Jorge Bondía. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência\***. Universidade de Barcelona, Espanha. Tradução de João Wanderley Geraldi. Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Linguística. Jan/Fev/Mar/Abr,2002, nº 19. p. 20-28.

JOSSO, Marie-christine. **A transformação a si a partir da narração de histórias de vida**. Tradução de Maria do Carmo Montenegro. Porto Alegre: n.3 (63), 2007. p. 413-438.

NÓVOA, António. O passado e o presente dos professores. In: **Profissão professor**. Tradução: Irene Lima Mendes, Regina Correia, Luísa Santos Gil. Porto editora, Portugal, 1999. p. 13-34

NÓVOA, António. **Para uma formação de professores construída dentro da profissão**. Lisboa: 2012. Disponível em: [http://www.revistaeducacion.mec.es/re350/re350\\_09por.pdf](http://www.revistaeducacion.mec.es/re350/re350_09por.pdf). Acessado em: 26/10/2018.

RICOUER, Paul. **Teoria da Interpretação**. Lisboa: Edições 90 Ltda., 1996. 128p.

SILVA, Fabrício Oliveira da. **Formação docente no PIBID: Temporalidades, trajetórias e constituição identitária**. 2017. Tese (Doutorado em Educação, práxis pedagógicas e formação do educador, vinculada ao Grupo de Pesquisa Docência, Narrativas e Diversidade na Educação Básica) - Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Salvador, Bahia.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SOUZA, Elizeu clementino de. Histórias de vida, escrita de si e abordagem experiencial. In: SOUZA, Elizeu Clementino, MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. **Histórias de vida e formação de professores**. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2008. p. 89–98.

SOUZA, Elizeu Clementino de (organizador). **Educação e ruralidade: memórias e narrativas (auto)biográficas**. Edufba, Salvador, 2012.

Recebido em 21 de janeiro de 2019. Aprovado em 06 de abril de 2019.